

LINGUÍSTICA E LITERATURA NA OBRA DE J.R.R. TOLKIEN

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

O objetivo do trabalho é mostrar como um filólogo se valeu da ciência da linguagem para servir de suporte para a criação de sua obra de ficção. Tolkien criou uma grande quantidade de línguas em sua juventude, antes de escrever *O Senhor dos Anéis*, muitas delas chegaram a atingir um certo nível de complexidade. Mas, apenas uma foi do seu agrado e conseguiu expressar os desejos linguísticos pessoais: uma língua com uma forte influência do finlandês, que ele denominou “quenya”. Em 1917, esta língua já atingira um alto nível de refinamento e possuía um vocabulário de muitas centenas de palavras (baseadas em um número bastante limitado de radicais). O quenya tinha origem, como qualquer língua natural, em uma língua anterior; e, a partir deste “Eldarin Primitivo”, Tolkien criou uma segunda língua élfica, contemporânea ao quenya, mas falada por outros povos élficos. Esta língua recebeu o nome de “sindarin” e teve a sua fonologia moldada a partir do galês, a língua mais próxima do seu gosto pessoal, depois do finlandês.